



Manifestação artística das mais

completas, a ópera ganhou entre nós uma releitura através do projeto Ópera para Todos, desenvolvido pela professora Ceres Murad, com o objetivo de promover a familiarização do público infantil com essas imponentes montagens teatrais. O projeto tem recebido o aplauso de gente de todas as idades, que reconhece o pioneirismo e excelente qualidade dessas produções, começou timidamente no auditório do Colégio Dom Bosco e hoje faz parte da programação de grandes espetáculos de fim de ano do Teatro Arthur Azevedo. Desta vez, Ceres Murad fez a adaptação para crianças da célebre ópera Aída (nas fotos desta página pode-se ter idéia da grandiosidade da produção), uma história de amor em quatro atos, de Giuseppe Verdi, composta a pedido do vice-rei do Egito, que queria fazer uma homenagem à história de seu país durante as comemorações da inauguração do Canal de Suez

(LEIA MAIS NA PÁGINA 2)



PERGENTINO HOLANDA

PH

REVISTA

E-mail: ph@mirante.com.br ANO XXVII Nº 1.407

Um vício saudável

Um jornal, atravessando a fresta da sua porta e baldeando o Mundo para dentro de sua casa. Some-se este movimento, repetido todos os dias durante mais de quatro décadas – e terão o novo Evangelho de como caminha a humanidade. Novidade que se renova todos os dias, com a retina cúmplice do leitor.

Não deixa de ser impressionante que o jornal tenha se inoculado com tamanha vitalidade nas artérias do ser humano, intrometendo-se na vida do cidadão com a naturalidade dos vapores de um banho ou o frescor de um copo d'água.

Jornal é aveia antiga, grama forrageira da curiosidade humana. E "jornal na veia" é um vício cada vez mais saudável. Nos quase 600 anos da era da informação multiplicada – desde que Gutenberg imprimiu sua Bíblia alemã, em Mainz, 1442 – o homem se habituou a mastigar junto com o desjejum o único alimento capaz de lhe transferir poder: a informação.

Esta é a grande vantagem de um jornal sobre, por exemplo, torradas amanteigadas ao amanhecer. "Informação é poder", já dizia em plena Idade Média o filósofo inglês Francis Bacon, muito antes de se transformar num universal recheio de sanduíche fast-food.

Navegadores e comerciantes venezianos e holandeses, grandes mercadores da Idade Média e da Renascença, desenvolveram para proveito de seus negócios o que seria a ancestral tataravó das "News Letters". Chamavam-se Avvisi – e se materializavam na forma de boletins de notícias, dirigidos aos mercados da época. Quem lia os Avvisi operava melhor, sabia mais e obtinha maior lucro.

Assim, o leitor bem "avisado" – nem precisa ser o Doge de Veneza ou um mercador de rapé – recolhe por aquela fresta matutina o maior valor agregado para a sua luta e a sua "expertise": a informação.

Se o vendedor de chá da Índia ou o mercador de jade chinês se habituava a ler os avvisi, melhor ficaria sabendo da cotação dos seus produtos. Se os navios da linha estivessem atrasados pelo mau tempo, ou pelo saque dos corsários, o estoque de suas peças se valorizava dentro do almoxarifado.

Os tempos aperfeiçoaram os veículos e as mídias do conhecimento e da informação. E não há no mundo de hoje um sistema tão aperfeiçoado de "Avvisi" quanto os de uma rede de comunicação. Sobre o seu significado social e econômico, há ainda a prestação de um serviço essencial – o da irradiação da Cultura e o respeito às suas manifestações locais.

Em quase quatro décadas de jornalismo testemunhei **O Estado do Maranhão** atravessando as janelas do Mundo. Sua experiência coincide com a consolidação daquela aldeia que Marshal McLuhan previa "global". Universalismo ao qual **O Estado** acrescentou o sotaque de cada região. Esse foi o grande desafio vencido pelo veículo mais "estadual" do Maranhão: unir e integrar o essencial, sem desprezar as diferenças.

E dessa travessia eu tive a honra e glória de participar, como desejável intruso das manhãs dos maranhenses – há 38 anos com uma coluna diária e 28 anos com este caderno semanal – procurando sempre ser universal sem, no entanto, perder a maranhensidade de que me construí.

Minha coluna diária e o **PH Revista**, tal e qual este jornal, soube compreender aquela máxima de Carlyle, segundo a qual "a grande lei da Cultura é deixar que cada homem viva segundo o cânone da sua região".